

Por uma teoria ética da técnica

A vida algorítmica segundo Éric Sadin

For an Ethical Theory of Technique
The Algorithmic Life According to Éric Sadin

SADIN, Éric.

La vie algorithmique: critique de la raison numérique.

Paris: L'Echappee Editions, 2015.

Ícaro Ferraz Vidal Junior

Graduado em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Crossways in European Humanities pela Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Santiago de Compostela e University of Sheffield. Atualmente é doutorando no Erasmus Mundus - Joint Doctorate Cultural Studies in Literary Interzones nas Università degli Studi di Bergamo e Université de Perpignan Via Domitia.

SUBMETIDO EM: 30/04/2015

ACEITO EM: 07/08/2015

RESENHA

RESUMO

Em *La vie algorithmique: critique de la raison numérique* (2015), Éric Sadin cartografa uma série de implicações subjetivas, éticas e políticas associadas ao que chama de “totalização digital”. Tal fenômeno consiste na implementação progressiva e expansiva de captadores e algoritmos em uma rede de dispositivos que, conectados, mediam as relações dos sujeitos com o mundo em tempo real. A presente resenha recupera as principais linhas da cartografia de Sadin, enfatizando os avanços epistemológicos, ontológicos e políticos que provêm deste gesto.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias digitais; Algoritmo; Big Data; Vigilância; Tecno-poder.

ABSTRACT

In “*La vie algorithmique: critique de la raison numérique* (2015)”, Éric Sadin makes a cartography of a series of subjective, ethical and political implications, associated to what he calls “digital totalization”. This phenomenon consists in a progressive and expansive implementation of sensors and algorithms in a network of connected devices that mediate the relations of the subject with the world in real time. This review recovers the main lines of Sadin’s cartography, emphasizing the epistemological, ontological and political advances that come from this gesture.

KEYWORDS: Digital Technologies; algorithm; Big Data; surveillance; techno-power.

1. Na contramão de um mundo perfeito

Um mundo perfeito¹ intitula a abertura do livro de Éric Sadin, *La vie algorithmique: critique de la raison numérique*, e consiste em uma descrição de cinco páginas que insere o leitor na paisagem sociotécnica, sobre a qual o autor versará durante as mais de duzentas e cinquenta páginas seguintes. Trata-se da narrativa de um dia qualquer na vida de uma pessoa comum, cuja rotina é ostensivamente mediada por algoritmos de todo tipo, com as mais diversas funções e finalidades. Na relação do sujeito, descrito por Sadin, com os dispositivos de uso doméstico, com os meios de transporte e de comunicação e com os espaços da cidade e do trabalho, três coisas saltam aos olhos do leitor. A primeira delas consiste no incremento de sensores em uma vasta gama de aparelhos, que passam a ser capazes de extrair informações do mundo circundante. O segundo aspecto que chama a atenção consiste na colocação de todos estes dispositivos em rede. Por fim, observam-se diferentes resultados a partir deste processo de captação e compartilhamento de dados, através de mediações algorítmicas as quais não se sabe como operam. O reconhecimento facial automatizado como ferramenta, que chancela ou não o ingresso do indivíduo em seu local de trabalho, captura também sua temperatura e, a partir de extensas bases de dados, pode sinalizar – para o poder público ou para a indústria farmacêutica – a iminência de uma epidemia de gripe, antes que ela aconteça.

Se esta descrição focada na mediação tecnológica do cotidiano dá ao início de texto de Sadin um tom de ficção científica, a maneira panorâmica através da qual o filósofo apresenta seu diagnóstico e a sua *crítica da razão digital* revelam um campo de tensões que vem sendo estudado nos círculos universitários, ainda que pouco discutido pela sociedade civil, sobretudo fora dos contextos anglo-saxão, da Europa ocidental e do Norte. Neste sentido, é na acessibilidade das descrições de um cenário tecnológico, no qual os algoritmos operam e a clareza com que as perspectivas filosóficas mobilizadas estão expostas, é que estão, sem dúvida, os grandes méritos de *La vie algorithmique*.

2. Cartografia e Big Data

Dois gestos principais compõem a introdução do livro de Sadin. Primeiramente, o autor define a noção de *Big data* e explicita o alcance epistemológico, antropológico e civilizacional das transformações provenientes desta “proliferação ininterrupta e exponencial [de dados] que será, a partir de agora, circunscrita sob o termo *Big data*” (Sadin, 2015, p. 20). Parte substancial da crítica ao *Big data* provém do fato de que este fluxo de dados resulta tanto de gestos deliberados (por exemplo: conversas telefônicas, navegação na internet, compras com cartões de crédito) quanto de procedimentos passivos que, de maneira imperceptível, registram diversos tipos de informação (trajetos de pessoas, imagens de videovigilância, e a fisiologia dos corpos, através de braceletes conectados, etc). A posição ocupada no cenário internacional por empresas como o Google e o Walmart e por instituições como a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA) testemunham a chegada efetiva desta nova realidade, sobretudo em suas facetas econômicas e políticas, que são os âmbitos que alimentam, de modo mais substancial, a crítica formulada por Sadin a esta rede sociotécnica.

O segundo movimento está relacionado à explicitação da metodologia que irá operar no livro. Sadin opta por traçar uma cartografia da *vida algorítmica*. Tal método

¹ Nossas traduções.

dispensa qualquer a *priori* teórico em favor de uma auscultação da realidade. Deste modo, o autor consegue ultrapassar uma abordagem da técnica que supõe os objetos técnicos como entidades já consolidadas, em favor de uma abordagem que irá descrever as complexas redes prático-discursivas, ora concordantes, ora controversas, que estão na gênese dos próprios aparatos técnicos. A abordagem cartográfica de Sadin compreende um conjunto heterogêneo de procedimentos. O primeiro deles consiste em encarar o problema genealógico, retraçando as origens de práticas tecnológicas contemporâneas que podem, surpreendentemente, remeter a momentos anteriores à emergência e proliferação das tecnologias digitais – “filiações enterradas sob os sedimentos históricos que, no entanto, continuam a influenciar as modalidades de pensamento e de ação” (idem, p. 37). Como segundo elemento, além de genealogista, o cartógrafo de Sadin é um escavador, alguém que desvela as intencionalidades que são indissociáveis de certas concepções sócio-político-econômico-culturais, nem sempre estridentes o suficiente para serem ouvidas a partir dos projetos tecnológicos que lhes dão consistência. O terceiro gesto do cartógrafo é o de desnaturalização, uma vez que a escavação permite-lhe acessar a composição das forças que culminam em certos estados de coisas e também a especular sobre qual medida a potencialização ou minoração destas forças poderia, correspondentemente, produzir outras realidades, colocando o presente sob suspeita. Na formulação de seu método cartográfico, Sadin prevê ainda uma “audácia prospectiva” que, mais do que uma simples escrita futuroológica, deve ser encarada como uma “forma de vigilância aguda ou paranoica colocada à disposição de cada um, livre para se reapropriar, sob uma forma ou outra, de um quadro recoberto parcialmente de um valor projetivo e para agir em consciência sobre o eixo de trajetórias jamais escritas antecipadamente” (idem, p. 37-38).

No desdobramento desta problemática metodológica, duas considerações de Sadin merecem destaque. Em primeiro lugar, por atualizar toda uma problemática teórica cara aos estudos em Comunicação, a crítica ao hiperdimensionamento da esfera do uso, por autores como Michel de Certeau e Danah Boyd (2014), a partir do que Sadin chama de uma “heurística dos efeitos”. Se Michel de Certeau aparece como o grande expoente de uma sociologia ou fenomenologia dos usos, Sadin revira, sob seus argumentos, a suposição de que a técnica seria neutra e que a relação que os sujeitos estabelecem com os dispositivos técnicos seria de tipo farmacológico, tendo sua positividade ou negatividade associadas aos usos que os sujeitos escolheriam dar aos aparatos técnicos. O argumento de Sadin só fará sentido se nos afastarmos desta fenomenologia dos usos e coincidirmos com ele na adoção de uma perspectiva que contemple o caráter estruturante dos meios e dos dispositivos técnicos. Será preciso pensar a própria experiência no mundo sendo determinada *em alguma medida* pelos aparatos técnicos.

A segunda consideração relevante para acompanharmos os movimentos do pensamento de Sadin dá título a esta resenha. De grande honestidade intelectual, a introdução a esta cartografia explicita a filosofia de Spinoza como fundamento ético do livro. O aumento da potência individual e coletiva será o critério a partir do qual a crítica destas paisagens tecnológicas emergentes será traçada e o fundamento da *teoria ética da técnica* proposta pelo filósofo.

3. Dos aspectos gerais à modulação algorítmica da ontogênese

A cartografia propriamente dita tem início no capítulo 1, que apresenta alguns traços mais gerais do processo que Sadin está empenhado em descrever. A atual hegemo-

nia epistemológica dos números e da matemática é apresentada como o resultado de uma aposta cega na precisão de uma “razão pura”. Um deslocamento recente e importante no curso desta história consiste no declínio de uma aposta nos processos de digitalização como estratégia de ampliação do acesso aos bens culturais ou aos diversos campos do saber em favor da transformação de cada fragmento do real em informação, através da implementação massiva de captadores no mundo. Este cenário, descrito por muitos teóricos como “internet dos objetos” e/ou como “era pós-simbólica” implica uma nova condição cognitiva, capaz de observar as coisas e de “seguir localmente ou globalmente seus estados indefinidamente evolutivos, formalizando a ambição científica ancestral de querer submeter o real à empresa totalizante e exclusiva da *ratio* humana” (Sadin, 2015, p. 55). Outro deslocamento importante consiste em que esta “totalização matemática” deixa de ser associada a um ideal filosófico, vinculando-se mais a uma *práxis* que concebe o real como indefinidamente apreensível. A informatização (*datafication*) e a dimensão performativa dos dados são as características fundadoras da vida algorítmica que encerram esta primeira descrição. Indissociáveis entre si, esses traços delineiam-se através de mediações técnicas que comprimem o processo de tomada de decisão, suprimindo os *délais* humanos e inscrevendo no chamado *tempo real* uma cadeia de percepções e ações.

O caráter panorâmico da cartografia de Sadin fica patente no trânsito que o autor faz entre capítulos que comportam descrições mais genéricas do contexto abordado e capítulos que dão sustentação a tais descrições (ou partem delas), mobilizando exemplos e aplicações concretas de tais tecnologias. Se o capítulo 1 apresentou os traços mais gerais que definem a “razão numérica”, o capítulo 2, *Potências e usos do Big data*, investe nas ocorrências onde tais traços foram se delineando. O chamado marketing de dados, a logística inteligente da *Amazon*, as *Smart Cities*, a medicina de dados, os novos modos de habitar casas conectadas e *inteligentes* e de estudar *on-line* são evocados, removendo o tom de “ficção científica” que fica como impressão para quem lê a abertura do livro. Se alguns dos exemplos citados por Sadin ainda estão distantes da realidade das classes médias brasileiras, é inegável, ao mesmo tempo, identificar o que há de novo em tais exemplos como tendência presente em nossos mercados e horizontes de consumo.

O capítulo 3, *A quantificação integral da vida*, resume como nenhum outro a série de transformações em jogo com a ascensão do *Big data*. Primeiramente, trata-se de uma mutação epistemológica na medida em que, à diferença do raciocínio hipotético-dedutivo, que fundamenta grande parte do pensamento ocidental moderno, o saber computacional não necessita supor uma hipótese inicial e dela derivar consequências lógicas. Este saber lida com agregados de dados volumosos e variados, inapreensíveis em escala humana e cuja leitura algorítmica tem o poder de *revelar* aspectos impensados e surpreendentes da realidade. Opera aqui uma “interpretação indutiva robotizada”, que contempla a dimensão dinâmica dos eventos, na medida em que prescindir de uma conclusão. O tempo real adquire certa primazia nestas novas epistemologias, reduzindo as incertezas “em favor do estabelecimento de tipos de salas de controle personalizadas e distribuídas por toda a parte” (p. 107). Esta nova epistemologia instaura uma medida *quanto-qualitativa* da vida, viabilizada pelo incremento progressivo da capacidade de armazenamento, processamento e leitura de dados. Neste contexto, ainda, Sadin observa uma generalização dos regimes preditivos que vêm substituir qualquer leitura histórica ou sociológica, privilegiando ações entre o presente e o futuro próximo, para as quais o passado não desempenha outro papel que não o de banco de dados capaz de auxiliar na interceptação de ações considera-

das “de risco”, antes mesmo que elas venham a acontecer. Trata-se, ao que parece, da obstrução de toda *linha de fuga*, o que associa-se, amplamente, ao projeto (irrealizável?) de banimento das dimensões sensíveis desta experiência de totalização digital.

Outra questão crucial neste cenário emerge da relação entre algoritmo e normatividade. Sadin traça um cenário que vai das recomendações de compra feitas pela Amazon à privatização da atenção operada pelo Google Glass, passando pela customização dos perfis do Netflix, pelo cuidado de si que lança mão da quantificação (*quantified selves*) e pela monetização da atenção operada pelo Facebook. A heterogeneidade destes cinco exemplos encobre um procedimento comum a todos eles: uma capacidade inédita de incorporar e capitalizar um elevado grau de liberdade individual. A leitura de Sadin das implicações deste processo difuso de normatização é arguta e fundamentada nas teses sobre a individuação de Gilbert Simondon, nomeadamente no conceito de espiritualidade, tal como se encontra ali formulado. Para Simondon,

A espiritualidade é a significação da relação do ser individuado com o coletivo, e conseqüentemente também do fundamento desta relação, ou seja do fato de que o ser individuado não está inteiramente individuado; mas contém ainda uma certa carga de realidade não-individuada, pré-individual, que ele preserva, respeita, vive com a consciência de sua existência em vez de se fechar em uma individualidade substancial” (Simondon, 2005, p. 252 apud Sadin, 2015, p. 160-161).

Neste sentido, o caráter normatizador da totalização digital repercute diretamente no esgotamento desta espiritualidade que, na filosofia de Simondon, aparece como elemento diferencial do vivo e articulador do ser individuado com o coletivo: a abertura que resulta da permanência do pré-individual nos organismos vivos. A oferta algorítmica preditiva e restritiva de caminhos possíveis, seja no âmbito do consumo (Amazon, Netflix), seja no âmbito cognitivo (*Quantified selves*, Google Glass), acaba por reduzir as margens de indeterminação que poderiam manter abertos e ricos em potenciais os processos de individuação.

4. Data-panoptismo, tecno-poder e uma ética da razão digital

Dando prosseguimento a sua cartografia, Sadin envereda por um caminho mais propriamente político, nos três capítulos que encerram o livro: *Da vigilância numérica ao data-panoptismo, O tecno-poder e Política e ética da razão digital*. O primeiro deles descreve uma mutação, atualmente em curso, de um regime de vigilância digital (que teria vigorado de 1995 a 2015) a um data-panoptismo, regime que prescinde de entidades centralizadoras como a NSA e no qual os dados são explorados por todos e em todos os âmbitos com o objetivo de oferecer serviços de modo mais eficiente, com uma ancoragem no imperativo do “conforto de todos”. O data-panoptismo consiste em um “entrelaçamento cada vez mais ‘íntimo’ entre os seres e os algoritmos que induziram indissociavelmente tanto um conhecimento aprofundado sem cessar das pessoas, dos fatos e das coisas, quanto uma regulação automatizada do campo da ação” (Sadin, 2015, p. 172-173). A estrutura frontal e onisciente do panóptico de Bentham é desfeita pelo data-panoptismo, que se funda em uma multiplicidade complementar de nós que conectam diversas redes e expandem progressivamente o campo sujeito à observação vigilante. O compartilhamento deliberado da subjetividade que configura o contexto de espetacularização do cotidiano através de redes sociais alimenta as redes do data-panoptismo tanto quanto a grande massa de dados captados através do uso de cartões de crédito, de fidelidade e de transporte e da própria

navegação on-line. Este último tipo de dados, *anonimizados*², revelam um interesse que já não se restringe a comportamentos individuais mas engloba “grandes fluxos anônimos de populações seguidos em tempo real” (idem, p. 185).

Para Sadin, o tecno-poder consiste em uma nova e expansiva forma do poder, em cujo cerne encontram-se as indústrias de tratamento massivo de dados, que passam a ser dotadas de uma inédita potência de governabilidade sobre os seres e as sociedades. Além de interferirem no cotidiano e nos “estilos de vida”, as tecnologias digitais sob a forma de objetos e sistemas programados pelo tecno-poder chegam a organizar os quadros perceptivos e as ações humanas. Trata-se de um regime descentralizado, composto por uma pluralidade de atores e que se humaniza através de figuras carismáticas, estrelas ou gurus, que personificam a genialidade fora do normal, alheia ao poder político e ao direito, do tecno-poder. Ao descrever nestes termos o *ethos* desta nova forma de poder, fica a sensação de que Sadin abandona o pressuposto cartográfico que prevê a ultrapassagem de a *prioris* em favor de uma efetiva auscultação da realidade. A contraposição de seu conceito de tecno-poder à asserção foucaultiana de que “o poder está por toda a parte”, a partir da alegação de que “não somente o poder não está por toda a parte, mas sua fonte, seu coração, pode ser hoje precisamente localizada: eles se situam nos laboratórios de pesquisa animados pelos sonhos sem limites dos engenheiros” (idem, p. 203) parece ser o ponto mais frágil do livro. Contrariando toda a arquitetura argumentativa construída cartograficamente, a seção mobilizada em torno do tecno-poder escorrega em a *prioris* ideológicos e não leva em consideração nem mesmo a ação de figuras como Edward Snowden, citado em outra passagem do livro e, sem dúvida, um pulverizador do tecno-poder ou um ator da tecno-política.

Se o tecno-poder é formulado por Sadin com uma tonalidade apocalíptica que despotencializa a crítica que brota, ao longo do livro, dos gestos cartográficos, genealógicos, de escavação, desnaturalização e prospecção anunciados desde as primeiras páginas da obra, o capítulo que encerra o livro, *Política e crítica da razão numérica*, retoma o tom do restante da obra. A proposição, inspirada por Bruno Latour, de um parlamento dos dados; a retomada de questões associadas ao poder político e à governança na internet; as apropriações dissidentes das tecnologias e a ética *hacker*; e as transformações epistemológicas das ciências humanas associadas à ascensão da razão digital constituem o solo que encaminha a reflexão ética com a qual Sadin se despede do leitor.

Referências bibliográficas

- BOYD, Danah. **It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens**. New Haven e Londres: Yale University Press, 2014.
- SADIN, Éric. **La vie algorithmique: critique de la raison numérique**. Paris: Éditions L'Échappée, 2015.
- SIMONDON, Gilbert. **L'individu à la lumière des notions de forme et d'information**. Grenoble: Jérôme Millon, 2005.

² Esta noção é bastante controversa. Muitos teóricos e ativistas reivindicam que esta anonimização é falaciosa. Sadin endossa esta suspeita.